

VI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - SEMID

PESQUISAS, INTERVENÇÕES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Universidade e escola: espaços dialógicos de investigação e socialização da produção de conhecimentos sobre formação docente

FILOSOFIA ALÉM DO CONCEITO: experiências do ensino de filosofia no Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão¹

CABRAL, Yasmim Costa²

CAMPOS, Thallyson Felipe Alves³

SANTOS, Tarcísio Vittor Rodrigues Carvalho dos⁴

SCHIOCHETT, Daniel⁵

“O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica.” - Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta da experiência com a docência vivenciada no Colégio Universitário – COLUN, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no programa de iniciação à docência (PIBID) durante os anos de 2023 e 2024. O objetivo deste, é apresentar tanto as impressões dos bolsistas envolvidos no programa de iniciação à docência, especificamente na área de filosofia, quanto importância desta iniciativa para a formação de professores. As impressões dos bolsistas envolvidos neste projeto, resultam das contribuições a partir das observações das aulas de filosofia e do desenvolvimento do projeto “curta filosófico” que foi utilizado como uma ferramenta metodológica para aproximar os alunos do 1º ano do ensino médio da referida escola, das temáticas filosóficas que correspondem ao período grego antigo da filosofia.

¹ Este trabalho é fruto das experiências vivenciadas no Programa de Iniciação à Docência - PIBID, na área de filosofia no Colégio Universitário (COLUN), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), com apoio da CAPES.

² Licencianda em filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), sob o subprojeto de filosofia no Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão - COLUN; E-mail: yc.cabral@discente.ufma.br.

³ Licenciando em filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), sob o subprojeto de filosofia no Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão - COLUN; E-mail: thallyson.campos@discente.ufma.br.

⁴ Licenciando em filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), sob o subprojeto de filosofia no Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão - COLUN; E-mail: tarcisio.vittor@hotmail.com.

⁵ Professor Dr. Daniel Schiochett, orientador/Coordenador de Área, no subprojeto de filosofia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus São Luís; E-mail: daniel.chiochett@ufma.br.

VI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - SEMID

PESQUISAS, INTERVENÇÕES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Universidade e escola: espaços dialógicos de investigação e socialização da produção de conhecimentos sobre formação docente

No primeiro momento da atividade, tratamos de construir um itinerário da filosofia para contextualizar as etapas do seu apogeu, valorização e desvalorização no desenvolvimento da história humana. A luz desse espectro, foram realizadas rodas de conversa para apresentar a obra “A apologia de Sócrates”, que foi utilizada como referencial teórico para a produção do curta de filosofia em conjunto com os estudantes do Colégio Universitário. O intuito foi levar em consideração as opiniões dos estudantes a respeito da disciplina de Filosofia, sua influência na vida humana e contextualizar os problemas contemporâneos dentro de uma visão filosófica que incide sobre a realidade concreta. Essa aproximação entre teoria e prática que se faz no campo da filosofia, é fundamental para compreender que a reflexão filosófica está além do caráter meramente teórico, ela se estende também, ao campo da práxis.

Como diz Freire, “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”, nesse sentido, visamos produzir a partir da singularidade de cada aluno, isto é, partindo das diversidades presente em sala de aula, um projeto que congrega os textos filosóficos trabalhados em classe e produtos culturais e ferramentas tecnológicas mais consumidos por esses jovens estudantes para facilitar a compreensão da filosofia além das “fronteiras” teórica.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização desta atividade, foi realizar uma leitura compartilhada da obra do filósofo Platão para que os alunos pudessem desenvolver um roteiro a partir dos diálogos e na sequência, produzir o curta metragem sob a supervisão dos alunos bolsistas do PIBID. A obra escolhida para trabalhar com os alunos foi o texto “A apologia de Sócrates” que narra o julgamento de Sócrates, condenado pelos crimes de corrupção da juventude e desonra aos deuses gregos. A escolha deste texto se fez em virtude tanto da ementa da disciplina de filosofia do 1º ano do ensino médio, quanto pelo contexto que a obra apresenta. Os elementos destacados na leitura serviram de subsídios para pensar a justiça, a verdade e a ética.

A partir da leitura, trabalhamos com os alunos a contextualização dos temas presentes na obra, traçando uma ligação com a contemporaneidade, destacando a atualidade de temas como: Fake News, Cultura do cancelamento, preconceito em virtude da orientação sexual ou identidade de gênero, por exemplo. A proposta de pensar essas questões conectando-as com a

VI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - SEMID

PESQUISAS, INTERVENÇÕES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Universidade e escola: espaços dialógicos de investigação e socialização da produção de conhecimentos sobre formação docente

abordagem filosófica corresponde a tarefa de possibilitar que a formação a partir da educação em filosofia forneça elementos para desenvolver o pensamento crítico, a autonomia e a cidadania dos estudantes. A atividade consistiu em criar um roteiro abordando essas questões e preparar uma encenação para ser apresentada como curta metragem elaborada pelos alunos da turma do 1º ano do Ensino Médio.

O objetivo do trabalho foi aproximar os alunos da filosofia sob outra forma didática que permitisse compreender a dimensão das discussões filosóficas, a partir da contribuição de pensadores clássicos da filosofia. A proposta idealizada apresentou Sócrates como o primeiro filósofo “cancelado” da história da filosofia que fora condenado com base em Fake News. O projeto objetivou oferecer aos alunos uma visão da filosofia para além da dimensão teórica que os possibilitasse desenvolver o senso crítico da realidade.

Esses temas foram trabalhados para facilitar a compreensão sobre o que é a justiça e produzir um debate sobre como o mundo contemporâneo nos fornece exemplos de injustiças que se praticam fora e no âmbito das redes sociais, quais as implicações das fake News para a construção de uma sociedade democrática e como os preconceitos perpetuados na sociedade produzem a desumanização dos sujeitos que pertencem as minorias sociais. Essas questões foram abordadas para provocar nos alunos a reflexão sobre a importância de se desenvolver uma consciência crítica da realidade social acerca da necessidade do respeito à diversidade e ao uso responsável e consciente das redes sociais.



VI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - SEMID

PESQUISAS, INTERVENÇÕES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Universidade e escola: espaços dialógicos de investigação e socialização da produção de conhecimentos sobre formação docente

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, é necessário situar a questão que deve orientar o pensamento. Primeiramente é necessário realizar a pergunta: por onde começa a filosofia? Esta é em si uma questão filosófica que pode ser desmembrada em muitas partes. O que podemos destacar como fundamental a partir da questão inicial são duas outras questões subjacentes que complementam a primeira. A primeira delas é: o que é a filosofia? A segunda, para que serve a filosofia? Para, por fim, responder como ensinar filosofia. Essas questões nos ajudarão a elucidar o sentido daquilo que se quer saber e servirá para posteriormente compreender o sentido de ser educador(a).

Um procedimento que se faz necessário para responder estas primeiras questões, é buscar na tradição filosófica respostas possíveis para elas. Devemos, para isso, recorrer a própria tradição em busca das respostas. Uma possibilidade se abre, por exemplo, a partir do texto “Qu’est-ce que la philosophie” (Que é isto – A filosofia?) do filósofo Heidegger. Nesse texto o autor começa afirmando que ao abordarmos esta questão “tocamos um tema muito vasto. Por ser vasto, permanece indeterminado. Por ser indeterminado, podemos tratá-lo sob os mais diferentes pontos de vista e sempre atingiremos algo certo. Hegel, na sua obra “Introdução à História da Filosofia”, cita uma famosa passagem de Aristóteles que diz que “o homem começa a filosofar depois de ter provido às necessidades da vida” (Hegel, 1999, p.416). Esta passagem citada pelo filósofo é encontrada no primeiro livro da Metafísica de Aristóteles onde o filósofo antigo complementa que:

foi, com efeito, pela admiração que os homens, assim hoje como no começo, foram levados a filosofar, sendo primeiramente abalados pelas dificuldades mais óbvias, e progredindo em seguida pouco a pouco até resolverem problemas maiores. [...] Quando já existia quase tudo que é indispensável ao bem-estar e à comodidade, então é que se começou a procurar uma disciplina desse gênero. (Aristóteles, 1984, p.9).

Para Hegel, é necessário antes de mais nada, que se desenvolva num povo “um grau de cultura intelectual para que se possa filosofar” (p.416). Para ele, a filosofia desponta num determinado momento de desenvolvimento da cultura. Diz ele:

Contudo, os homens não criam uma filosofia ao acaso; é sempre uma determinada filosofia que surge no seio dum povo, e a determinação do ponto de vista do pensamento é idêntica à que se apodera de todas as demais manifestações históricas do espírito desse povo, está em íntima relação com elas e delas constitui o fundamento. Deste modo, a forma particular duma filosofia é síncrona com as suas instituições, com as atitudes, hábitos e preferências, com as suas tentativas e produtos

VI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - SEMID

PESQUISAS, INTERVENÇÕES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Universidade e escola: espaços dialógicos de investigação e socialização da produção de conhecimentos sobre formação docente

científicos, com a sua religião [...] A filosofia é uma forma destes múltiplos aspectos. E qual essa forma? 'r a flor excelsa, o conceito do conjunto, o espírito do tempo como espírito presente e que se pensa a si próprio. Este todo múltíplice reflete-se nela como num único foco, no conceito que se conhece a si mesmo. (Hegel, 1999, p 417-418).

Segundo Aristóteles, “pelo espanto que os homens chegam agora e agora e chagaram antigamente à origem imperante do filosofar” (*apud* HEIDEGGER, 1999, p.37). No Teeteto, Platão diz “é verdadeiramente de um filósofo estes *pháthos* – o espanto; pois não há outra origem imperante da filosofia que este” (*apud* HEIDEGGER, 1999, p.37). Para Heidegger, “o espanto é, enquanto *páthos*, a *arkhé* da filosofia” (1999, p.37). Hanna Arendt, em A vida do Espírito, diz que o *Pháthos*:

É a principal paixão (*pathos*) do filósofo: espantar-se (*thaumazein*). Não há outro começo ou princípio (*arché*) da filosofia senão esse. Penso que não era mau genealogista aquele [ou seja, Hesíodo] que fez de Íris [o arco-íris, um mensageiro dos deuses] filha de Thaumás [aquele que espanta]. (ARENDR, 1992, p. 108).

Mas considerar, no entanto, que o espanto enquanto um simples ato, não constitui o início da filosofia. Heidegger diz que se fosse a opinião de Platão e Aristóteles:

então diriam: um belo dia os homens se espantaram, a saber, sobre o ente e sobre o fato de ele ser e de que ele seja. Impelidos por esses espantos começaram a filosofar. Tão logo a filosofia se pôs em marcha, tornou-se o espanto supérfluo como impulso” (Heidegger, 1999, p.38).

O espanto, portanto, não está dissociado do elemento reflexivo, é, ao contrário, o ponto de arranque para o pensar filosófico. O que se pode perceber, é que tanto para Platão e Aristóteles, quanto para Heidegger, espanto não significa um simples impulso, Heidegger explica que espanto significa *arkhé* – *aquilo de onde surge*. Ele toma o termo *pháthos* por disposição e afirma que somente se o compreendermos deste modo, poderemos também caracterizar melhor o *thaumázein*, o espanto. Arendt, identifica a palavra *thaumzein*:

quando se traça sua genealogia, aparece regularmente em Homero e é derivada de um dos muitos verbos gregos que designam ‘ver’, no sentido de ‘olhar para’[...] Em Homero, esse olhar suscitado pelo espanto está em geral reservado para homens a quem um deus aparece. Ele também é usado como adjetivo para homens admiráveis, a saber, homens dignos do espanto admirativo que costumamos reservar para os deuses, para homens semelhantes a deuses. Além disso, os deuses que apareciam aos homens tinham essa peculiaridade: apareciam sob um disfarce humano familiar e eram reconhecidos apenas por aqueles que se aproximavam. O espanto como resposta não é algo, portanto, que os homens possam evocar por si mesmos. O espanto é um *pathos*, algo sofrido, e não produzido. Em Homero, é o deus quem age, enquanto os homens têm que suportar sua aparição. Em outras palavras, o que deixa os homens espantados é algo familiar, e ainda assim normalmente invisível, que eles são forçados a *admirar*. [...] A filosofia começa com a consciência dessa ordem harmônica invisível do *kosmos*,

VI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - SEMID

PESQUISAS, INTERVENÇÕES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Universidade e escola: espaços dialógicos de investiga-ção e socialização da produção de conhecimentos sobre formação docente

que se manifesta em meio às visibilidades familiares, como se estas se tivessem tornado transparentes. O filósofo maravilha-se com a ‘harmonia não-visível’ que, segundo Heráclito, é ‘melhor que a visível’. (ARENDDT, 1992, p. 108-109).

Assim, diz-se que o “espanto é dis-posição na qual e para a qual o ser do ente se abre. O espanto é a disposição em meio à qual estava garantida para os filósofos gregos a correspondência ao ser do ente” (Heidegger, 1999, p.37). A correspondência para Heidegger, assume um sentido de processo de desenvolvimento, “que corresponde ao apelo do ser do ente, é a filosofia” (1999, p.37). Aprender, portanto, sobre o que é a filosofia se faz quando:

aprendemos a conhecer e a saber quando experimentamos de que modo a filosofia é. Ela é ao modo da correspondência que se harmoniza e põe de acordo com a voz do ser do ente. [...] Corresponder é “um falar”. Está a serviço da linguagem. [...] A linguagem aparece como um instrumento de expressão. (Heidegger, 1999, p.39).

A linguagem é o instrumento que revela o sentido do ser, é a morada do ser. Heidegger complementa que para os gregos, a essência da linguagem se manifesta como *Logos*. A essência do que isso significa só é possível a partir do diálogo com a “a experiência grega da linguagem como *Logos*” porque sem essa reflexão “jamais sabemos verdadeiramente o que é a filosofia como co-respondência [...] o que ela é como uma privilegiada maneira de dizer”. (Heidegger, 1999, 40).

Em linhas gerais, já dissemos que a filosofia é um abrir-se para o mundo do pensamento que nos provoca inquietação e admiração, além disso, segundo Hegel, é o elemento que, do ponto de vista do pensamento, revela sua essência e “*se apodera de todas as manifestações históricas do espírito de um povo*”(1999, p 417, grifo nosso) e desenvolve uma certa cultura, de modo que toda a expressão do pensamento filosófico se reconhece na totalidade das manifestações que na história do desenvolvimento da cultura se apresentam, e por último, que ela é uma maneira privilegiada de dizer. Resta-nos responder como ensinar filosofia.

A experiência de ensinar filosofia muitas vezes é colocada como sendo meramente teórica e pouco prática. Essa é uma visão distorcida que se tem da filosofia. Ela, enquanto produto do pensamento, exprime necessariamente um caráter prático. Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles pondera que “o pensamento por si mesmo, entretanto, não imprime nenhum movimento, mas somente por causa de uma ação pratica.” (2016, p.141). O filósofo trata das virtudes intelectuais estabelecendo a sabedoria pratica como “uma capacidade acompanhada de razão verdadeira, capaz de agir no que diz respeito aos bens humanos.” (Aristóteles, 2016,

VI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - SEMID

PESQUISAS, INTERVENÇÕES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Universidade e escola: espaços dialógicos de investigação e socialização da produção de conhecimentos sobre formação docente

p.141). Embora Aristóteles distinga a sabedoria prática da sabedoria filosófica, ele pondera que ambas são “desejáveis em si mesmas, uma vez que são as respectivas virtudes de cada uma das duas partes da alma”. (Aristóteles, 2016, p.153). Embora o ensino de filosofia esteja atrelado a um certo caráter conceitual, o que é verdade, a filosofia não perde por isso o seu valor. A Filosofia:

enquanto saber, ela é sempre produto de pensamento, é uma experiência de pensamento. [...] ela é uma experiência de pensamento que procede por conceitos, que cria conceitos, à diferença da ciência e da arte. [...] ela não se caracteriza como um saber fechado em si mesmo, uma verdade dogmática, mas como um saber que se experimenta, que se confronta consigo mesmo e com os outros, que se abre ao diálogo com outros saberes, um saber aberto e em construção coletiva. (Gallo, 2006, p.7).

Ensinar filosofia não se trata apenas de apresentar conceitos, é também um processo de (re)construção dos conceitos, como o filósofo Silvio Gallo pontua, a filosofia pode ser pensada como atividade de criação de conceitos. “Nessa perspectiva, a aula precisa adquirir um caráter prático, investigativo, dinâmico, sem, no entanto, cair no senso comum e no “opinionismo”, sem perder a dimensão estritamente filosófica do conceito.” (Gallo, 2006, p.9). Nesse sentido, o papel do professor nesse processo é de facilitar o conhecimento, ou seja, oferecer as ferramentas para que se possibilite a expressão do pensamento.

A atividade filosófica do mestre consiste em gerar ou dar poder ao outro: isto quer dizer também, fazê-lo responsável. Nisto reside a fecundidade, a atividade de “produzir” a capacidade de pensar, dizer e agir do outro, que implica a realização de pensamento, palavras e ações diferentes das do mestre, que lhe escapam ao querer e ao “controle”. [...] Cada aula de filosofia procura provocar uma sacudida nos jovens, fazê-los “quebrar a cabeça”, derrubar suas certezas e provocar suas dúvidas [...] Toda aula de filosofia exerce violência para provocar no outro um *movimento*. Um movimento rumo ao... imprevisível. Supõe esse querer (no sentido de vontade e no de amor) filosófico que por *querer a sabedoria*, a põe em questão, a põe constantemente em xeque, a rejeita, a obriga a mudar. (Langón, 2003, p.94-95).

A preocupação do(a) educador(a) crítico(a), deve ser de orientar o pensamento. Dissemos que a filosofia se ocupa da construção e reconstrução dos conceitos, mas uma função essencial dela, é também de formular perguntas. A tarefa de perguntar o que é a filosofia e para que serve, são questões que nos deparamos muitas vezes em sala de aula. Essas e outras perguntas devem ser estimuladas pelos professores de filosofia. Lembramos as palavras de Freire no texto “por uma pedagogia da pergunta”, onde ele ressalta que:

Para um[a] educador[a] nesta posição não há perguntas bobas nem respostas definitivas. Um educador que não castra a curiosidade do educando, que se insere no movimento interno do ato de conhecer, jamais desrespeita pergunta alguma. Porque,

VI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - SEMID

PESQUISAS, INTERVENÇÕES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Universidade e escola: espaços dialógicos de investigação e socialização da produção de conhecimentos sobre formação docente

mesmo quando a pergunta, para ele, possa parecer ingênua, mal formulada, nem sempre o é para quem a fez. Em tal caso, o papel do[a] educador[a], longe de ser o de ironizar o educando, é ajudá-lo a refazer a pergunta, com o que o educando aprende, fazendo, a melhor pergunta. (Freire, 1985, p.25).

Além disso, a tradição filosófica está cheia de pensadores que delinearão respostas a essas e outras perguntas que de modo subentendido as acompanham. Todavia, a urgência da casa, da roupa e comida – para aludir Marx e Engels em “A ideologia alemã” – tornam essas perguntas, que num primeiro momento poderiam parecer tão abstratas, reais e concretas: Para que, afinal, me serviria a Filosofia? Ou em um plano mais geral: Isso tem alguma contribuição significativa para a sociedade? Essas questões estão em aberto e refletem também as nossas percepções enquanto educadores sobre a filosofia. Podemos perguntar: para que serve um professor de Filosofia na realidade concreta da vida dos alunos e alunas da rede pública de ensino brasileira? Qual é o seu papel? Ou, a Filosofia pode fazer de nós mais humanos?

Podemos, com base na experiência do PIBID, dar uma resposta possível para essas perguntas de modo positivo, destacando o duplo aspecto dessa reflexão. Tanto pelo impacto que a reflexão filosófica trouxe à vida dos estudantes, quanto em relação às nossas impressões. Por um lado, pudemos notar que os alunos conseguiram perceber as consequências de um pensamento racional e humano em uma sociedade que tende cada vez mais para absurdos e violências. Por outro, pudemos notar que a função de professor(a), é de suma importância para contribuir, ainda que de modo muito singelo, para esse despertar da consciência de seres humanos reais na construção de uma sociedade mais humana. Podemos concordar com os antigos que consideravam a filosofia uma maneira privilegiada de ver ou dizer sobre o mundo, e de igual modo, podemos concordar com os contemporâneos como Marx, Engels e Freire, a filosofia não meramente uma chave para a interpretação do mundo, é ao contrário, aquilo que é fundamental para a transformação dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma primeira constatação que podemos apresentar a partir deste trabalho, é que a filosofia é um processo que se desenvolve ao passo que se desenvolve o mundo humano. Ela possui um começo, por assim dizer, mas enquanto objeto do mundo inacabado, é também

VI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - SEMID

PESQUISAS, INTERVENÇÕES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Universidade e escola: espaços dialógicos de investigação e socialização da produção de conhecimentos sobre formação docente

inacabada, está em constante movimento, cabe a nós observarmos em nosso tempo presente quais as tendências do mundo e influir sobre ele. A filosofia não é apenas um emaranhado de palavras complexas e sem sentido, é aquilo que se desenvolve numa certa cultura que cria, por conseguinte, o que podemos chamar de tradição. O papel do(a) professor(a) de filosofia, mais do que apresentar esse mundo, é possibilitar que seus alunos o acessem para também influírem sobre ele. O papel do professor de filosofia é provocar os alunos à reflexão que possibilita o despertar para o mundo. Significa, por conseguinte, fornecer-lhes as ferramentas para que o amadurecimento intelectual, ou como queremos dizer, a autonomia, ocorra. Mas esse amadurecimento é mútuo e não imediato, se desenvolve durante o processo de ensino e aprendizagem, é nele que se possibilita o amadurecimento tanto dos educandos, quanto dos educadores. Fazemos lembrar novamente Paulo Freire quando diz que “a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada.” (Freire, 1996, p.55). Portanto, não devemos esperar que os alunos sejam meros memorizadores de conceitos e teorias. Ressaltamos, nesse sentido, que as dimensões pontuadas neste texto, nos levam a considerar que a experiência no PIBID corrobora para a compreensão do ambiente escolar e da sala aula em todas as suas complexidades. A aula é um momento específico em que se realizam mediações entre aquilo que o(a) professor(a) apresenta, isto é, o conteúdo, com aquilo que os alunos desenvolvem de compreensão dele. A experiência em sala de aula serve para mostrar que o conteúdo teórico não é mais importante do que metodologia que é empregada no ensino. Por vezes, ouvimos que a filosofia é muito teórica, muito presa ao mundo das ideias, etc. mas a visão do aluno muda completamente quando ele consegue perceber a aplicabilidade dos conceitos de justiça, liberdade de expressão, intolerância, por exemplo. Diferentemente da típica expressão de dúvida que muitas vezes é visível nos rostos dos alunos, é a expressão de quem está compreendendo e se esforçando para pensar uma questão, ou mesmo, pensar as consequências de um determinado problema que fora discutido em sala de aula. Essa é uma experiência única e muitas vezes somos nós, os “professores estagiários”, que somos pegos de surpresa com questões muito bem elaboradas por algum aluno. Essa experiência em sala de aula nos faz perceber tanto as possibilidades, quanto as debilidades da educação. A escola e a sala de aula são espaços complexos e perceber a complexidade desses espaços só é possível se acessarmos ele. A educação é um campo que está em constante tensão política e o

VI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - SEMID

PESQUISAS, INTERVENÇÕES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Universidade e escola: espaços dialógicos de investiga-ção e socialização da produção de conhecimentos sobre formação docente

resultado das disputas de projeto de educação pública se refletem na escola. O trabalho docente é gratificante, mas é necessário também, discutir as condições sob qual esse trabalho se realiza. Essas questões são cruciais porque refletem qual o projeto de educação tem se colocado para a escola pública e quais as consequências dele. Então, enxergar como na prática o ensino se faz, nos fornece elementos para refletir não só a nossa prática na escola, mas também a conjuntura política em que se insere essa prática. Sem muita pretensão, dizemos que a experiência com a docência nos ensinou que não seremos nós que, sozinhos, mudaremos o mundo, mas que a nossa tarefa político pedagógica é demonstrar que é possível mudar, e é nisso que deve residir o nosso compromisso.

AGRADECIMENTOS

Para nós, essa foi uma experiência profundamente gratificante e enriquecedora que só foi possível através de uma construção coletiva. Gostaríamos de expressar aqui os nossos agradecimentos aos nossos orientadores, Professor Daniel Schiochett, professor da graduação em filosofia, que nos orientou nessa trajetória no PIBID, a professora Edna Selma David Silva, professora de filosofia do Colégio Universitário, que foi fundamental para o nosso desenvolvimento intelectual e aprimoramento docente, aos alunos que nos receberam no Colégio Universitário e aos demais colegas do PIBID.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. – Trad. Vincenzo Cocco. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco**. – trad. Luciano Ferreira de Sousa. São Paulo: Martin Claret, 2016.

ARENDRT. Hannah. **A vida do espírito**. Disponível em: https://www.academia.edu/37582729/ARENDRT_Hannah_A_vida_do_esp%C3%ADrito_pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - SEMID

PESQUISAS, INTERVENÇÕES E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Universidade e escola: espaços dialógicos de investiga-ção e socialização da produção de conhecimentos sobre formação docente

FREIRE, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. – São Paulo: Paz e Terra, 1985.

GALLO, Silvio. **A Filosofia e seu ensino: Conceito e Transversalidade**. Disponível em: <https://lasalvia.prof.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2016/09/gallo-filosofia-e-seu-ensino-conceito-e-transversalidade.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2024.

HEIDEGGER, Martin. **Conferências e Escritos Filosóficos**. – Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Introdução à História da Filosofia**. – Trad. Orlando Vitorino. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. Tradução: Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino. Formação.